BRAVA GENTE
REVISTA
BRASILEIRA
ACI
www.causaimperial.org.br/BravaGente
Florianópolis, 1.º de Março de 2009
Ano I, N.º 3

Casamento Real na Geórgia, o
PRIMEIRO EM 200 ANOS
Página: 13

Um Brasileiro, com
"B" MAIÚSCULO
Página: 19

A Morte de Augusto Steinhaussen,
primogênito do Imperador

D.Pedro I
Tragédia no Primeiro Reinado

EDITORIAL

Editorial:

Em Março, a revista **BRAVA GENTE BRASILEIRA** apresenta dois destaques: o primeiro é a trágica e pouco conhecida história do primeiro filho de D. Pedro I, Augusto Steinhaussen (1814-1828), como narrada no livro de Assis Cintra; aproveitamos e listamos os 34 (isso mesmo!) filhos ou supostos filhos do primeiro Imperador do Brasil. O segundo destaque é um mini-especial sobre os recentes acontecimentos na Geórgia, pequeno país caucasiano, que pode ter sua monarquia restaurada em breve.

Além destes assuntos, BRAVA GENTE BRASILEIRA mostra neste mês um artigo sobre o grande brasileiro que foi D. Pedro II e também as notícias atuais do mundo monárquico.

Boa leitura!

P.S.: Atendendo sugestões, estamos estreando algumas pequenas mudanças gráficas na revista.

ÍNDICE

Cartas.....02

Datas.....03
Aniversário de Março

Especial.....04
D.Pedro I, Tragédia no Primeiro Reinado

Entrevista.....14
Príncipe David de Bagration da Geórgia

Internacional.....16
Rainha Elizabeth II com novo site
Príncipe Charles visitará o Brasil em março
Casamento real na Geórgia.....13

Eventos.....17
Reunião da RESTAURADORES com príncipe D.Antonio e D.Rafael

Notícias.....18

Artigo.....20
Um Brasileiro com "B" maiúsculo

PUBLICAÇÃO DA

ASSOCIAÇÃO CAUSA IMPERIAL
(entidade sem fins lucrativos)
Florianópolis (SC)

Rua Nossa Senhora do Rosário, 798 – CEP 88010-950 Florianópolis SC
Site Oficial: www.causaimperial.org.br

Cartas

Monarquista na Academia de Letras do Brasil

Esse mês passei a pertencer à Academia de Letras do Brasil, ocupando a Cadeira 004 do Rio de Janeiro. Como Monarquista e Vice Diretor dos Restauradores, para mim foi uma grande vitória e um reconhecimento de meu trabalho tanto poético quanto literário. Com meus trabalhos, na área Literária espero poder contribuir para que a Monarquia possa ser incutida no Cotidiano dos brasileiros, e assim fazê-los pensar que a Monarquia é possível sim. Grande abraço,

Jandeilson Galvão.

Biografia:
Jandeilson Galvão Bezerra

É estudante do 3º Período de Letras (2009) - licenciatura em Português e Literatura da Unesa, membro da Academia de Letras do Brasil, cadeira 004/ALB/RJ.

Nasceu na cidade de Cacimba de Dentro no Estado da Paraíba. Tem 24 anos de idade.

É Vice Diretor Geral da Juventude Restauradores do Império do Rio de Janeiro, membro do Instituto Federalista, da Academia Virtual Brasileira de Letras, da Sociedade Poetas del Mundo, do Circulo Monárquico do Rio de Janeiro, poeta, compositor e roteirista.

Um jovem dedicado a Poesia e aos valores da família. No Rio de Janeiro participou de diversos encontros poéticos.

Idealista e organizador do Sarau Literário da Juventude Crismandos do Sion, na Cidade de São Sebastião do Paraíso em Minas Gerais, onde foi o Poeta Convidado, e teve diversas de suas poesias declamadas, cantando ainda neste sarau duas de suas músicas.

Blog: http://poesiaatual.zip.net
Email para contato: jandeilson@gmail.com

Breve comentário sobre a Academia de Letras do Brasil:

A Academia de Letras do Brasil é constituída formalmente com CNPJ: 04.749.257/0001-00, fundada em Janeiro de 2001 e presidida pelo Dr. Mário Carabajal - Ph.D/Ph.I. Toda documentação da ALB encontra-se disponível no site oficial. www.academialetrasbrasil.org.br

Saudações.

Parabéns pela iniciativa.

Tenho fé que a Causa Imperial, através da Associação e Brava Gente, possa alavancar o Movimento Monárquico aproveitando o impeto que os 200 anos proporcionou a nossa Causa de uma forma geral.

Creio que o futuro sucesso do Movimento Monárquico e a perspectiva de um futuro referendo que possa proporcionar a restauração de nosso Império estará intimamente ligada ao esforço de vocês, da nova geração.

Cumprimentos
Alan Assumpção Morgan
Vice Presidente-Secretário
Brasil Imperial
São Paulo - SP
www.brasilimperial.org.br
brasilimperial@brasilimperial.org.br

Expediente

Editores: Geovani Németh-Torres e Erivam Bandini Pacheco

Revisão: Daniel Mouta, Felipe Ribeiro Dias

Colaboradores desta Edição: Felipe Ribeiro Dias, Guilherme Malluta

Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores; as demais matérias são de responsabilidade única e exclusividade do jornal.

INTERNET: www.causaimperial.org.br/BravaGente/

Contato : **bravagente@causaimperial.org.br**

ANIVERSÁRIOS DE FEVEREIRO

NASCIMENTOS:

01: D.ª Maria Elisabeth de Orleans e Bragança (1982-)
Filha de D. Francisco.

01: Henri Antoine de Ligne e Orleans-Bragança (1989-)
9.º na Linha de Sucessão de D. LUIZ, Chefe da Casa Imperial Brasileira, Príncipe-Hereditário de Ligne.

04: D.ª Pia Maria de Orleans e Bragança (1913-2000)
Filha de D. Luiz Maria, Príncipe Imperial do Brasil.

06: D. João Carlos de Bragança e Habsburgo (1821-1822)
Filho de D. PEDRO I.

07: D. Manuel Maria de Orleans e Bragança (1981-)
Filho de D. Manuel Álvaro.

11: D.ª Januária de Bragança e Habsburgo (1822-1901)
Filha de D. PEDRO I.

14: D.ª Teresa Cristina de Bourbon-Duas Sicílias (1822-1889)
Terceira Imperatriz do Brasil, esposa de D. PEDRO II.

15: D.ª Amélia Maria de Orleans e Bragança (1984-)
5.ª na Linha de Sucessão de D. LUIZ, Chefe da Casa Imperial Brasileira.

19: D. Pedro Augusto de Saxe-Coburgo e Bragança (1866-1934)
Filho da princesa Leopoldina.

28: D.ª Teresa Cristina Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança (1971-)
18.ª na Linha de Sucessão de D. LUIZ, Chefe da Casa Imperial Brasileira.

FALECIMENTOS:

04: D. João Carlos de Bragança e Habsburgo (1821-1822)
Filho de D. PEDRO I.

13: D.ª Januária de Bragança e Habsburgo (1822-1901)
Filha de D. PEDRO I.

26: D. Luiz Maria de Orleans e Bragança (1878-1920)
Filho da Princesa ISABEL, Príncipe Imperial do Brasil.

27: D.ª Francisca de Bragança e Habsburgo (1824-1898)
Filha de D. PEDRO I.

TRAGÉDIA NO PRIMEIRO REINADO:

A Morte de Augusto Steinhaussen, primogênito do Imperador

Assis Cintra e Edilberto Pereira Leite*

Roque Schuch era um homem de grande inteligência e cultura. Diplomado em Filosofia e Direito pela universidade de Viena, acompanhara a Princesa Leopoldina ao Brasil, deixando na sua terra uma linda noiva: Anna Steinhaussen Bladisk, dama de serviço da Arquiduquesa Maria Luiza, ex-imperatriz da França. Roque voltou a Áustria para se casar e, em 1817, instalou-se, com a linda mulher, no Palácio de São Cristóvão, como bibliotecário de D. Leopoldina. Essa linda austríaca foi amante de D. Pedro I, de quem teve um filho de nome Augusto, fuzilado aos 16 anos como rebelde. Um memorial existente no castelo d'Eu faz referência a esses amores.

No dia 9 de junho de 1828 houve no Rio de Janeiro uma verdadeira "Noite de São Bartolomeu", em que o instinto sanguinário desembestou pelas ruas da cidade.

O alemão Eduardo Teodoro Bôsche que era oficial de um dos batalhões revoltados, narra detalhadamente os acontecimentos no seu livro "Quadros Alternados", assim traduzidos pelo erudito e apreciado cronista Hermeto Lima: "Soldados alemães e irlandeses, contratados na Europa para servirem o nosso país, sendo cruelmente ofendidos pelos oficiais que os dirigiam, não puderam mais suportar tais vexames. Esses soldados levavam uma vida verdadeiramente anárquica. Não se respeitavam entre si, tratavam-se por tu, bebiam e jogavam juntos. No calor das libações alcoólicas, injuriavam-se, acusando-se mutuamente de todas as infâmias, insultavam-se, engalfinhavam-se. Mas, quando um soldado raso saia vencedor da contenda com um oficial, este se desforrava, infligindo-lhe, sob pretexto de uma falta qualquer, muitas vezes imaginária, castigos atrozes, como cem, e até duzentas vergastadas. Esses castigos corporais, a que todos passivamente se submetiam, eram aplicados em virtude de uma simples denúncia, sem inquéritos nem averiguações. Praticavam tais barbaridades, que, muitas vezes, os soldados morriam após as chibatadas recebidas. Muitos soldados alcoolizavam-se, a fim de que a morte os levasse mais depressa. Outros suicidavam-se a fim de pôr termo aos seus tormentos.

Havia um oficial saboiano que era um verdadeiro algoz para os subalternos. Um outro instigava os praças ao roubo dos estabelecimentos, cuja guarda lhes confiava o governo. Às vezes, provenientes desses roubos, os soldados levavam para o quartel barris de vinho e ai, com os oficiais, faziam verdadeiras orgias, finalizadas com rixas, e até mortes.

Em quantidade fantástica, os mosquitos, as pulgas, os percevejos, e até os ratos não deixavam os pobres militares, nos infectos quartéis, repousarem o necessário, expulsando-os dos seus leitos, que consistiam de esteiras estendidas sobre o chão. Para dominar o tédio da monotonia da noite, eles se divertiam bebendo e jogando como entendiam. De manhã piorava a situação deles. Levantavam-se às quatro horas e almoçavam às dez, um único prato de sopa de feijão carunchado. Às duas da tarde, tomavam uma sopa de arroz, feita simplesmente com água, sem gordura e sem sal, e um pedaço de carne seca.

Os exercícios interrompidos de manhã, recomeçavam, depois do jantar, às duas horas, e terminavam à noite, voltando os pobres soldados completamente exaustos para o quartel. Era, como se vê, uma situação desesperadora. Para saírem daquele inferno usavam de mil recursos, entre os quais o mais comum era a deserção do serviço pelo suicídio, quando não podiam fugir do Rio. Os que conseguiam fugir eram facilmente presos e barbaramente castigados. Mal porém as feridas das chibatadas cicatrizavam, fugiam novamente, às vezes em bandos, armados de fuzis, constituindo verdadeiras quadrilhas nas estradas.

O governo mandava patrulhas armadas procurar os fugitivos, estabelecendo-se verdadeiros combates.

---

* Texto disponível no livro ***"As Amantes do Imperador"***, no capítulo sobre Anna Steinhaussen (pp. 20-27). Direitos reservados à Editora Virtual Books Online. Publicado com autorização. Para conhecer a editora, visite: www.virtualbooks.com.br.

Os que conseguiam escapar das batalhas, embrenhavam-se pelas matas da Tijuca e, às vezes, morriam de fome na grande floresta.

"Durante o tempo do aquartelamento do nosso batalhão na Fortaleza da Praia Vermelha, diz Eduardo Bôsche no seu livro, fomos freqüentemente honrados com a visita de suas Majestades Imperiais". Ao romper do dia, entrava D. Pedro a cavalo pelo portão da fortaleza, acompanhado pela esposa e alguns cortesãos. Não há talvez soldado algum que saiba, melhor do que D. Pedro, o manejo das armas, o exercício da carabina. Os soldados nunca a sabiam manejar convenientemente.

Coroação de D.Pedro I

D. Pedro, então, pegava uma espingarda, fazendo exercício junto com eles. Executava magistralmente todos os lances, obrigando veteranos que tinham estado a serviço de seus países a reconhecerem que nunca haviam visto pessoa mais exímia no manejo de armas do que esse Imperador. Era, porém, destituído de maneiras, sem sentimento algum de conveniências. De uma vez eu o vi galgar o muro da fortaleza para satisfazer uma necessidade natural, e, ainda arranjando as calças, ordenou que o batalhão desfilasse diante dele. D. Pedro tratava os soldados alemães com certa familiaridade, e estes sempre lhe pediam que lhes melhorasse o rancho. Contínuas eram as brigas entre soldados alemães e brasileiros. Em um domingo à tarde, espalhou-se o boato no 3.º batalhão de granadeiros que dois alemães tinham sido mortos por soldados do 13.º batalhão de caçadores, composto de tropa brasileira. Imediatamente se reuniram alguns germânicos e verificaram ser o fato verdadeiro. No posto da Carioca tinham trucidado dois soldados. À vista dos corpos ensangüentados, os alemães juraram vingança. Estava o comandante junto de sua amante e o oficial de dia, tenente Prahl, em estado de embriaguez, quando os corpos dos soldados saxões chegaram ao quartel.

O tenente Prahl, à frente de um grupo de patrícios, saiu para atacar o posto da Carioca, cuja guarnição era de doze homens e um oficial, sendo todos eles trucidados a golpes de baionetas pelos germânicos enfurecidos. As coisas iam indo assim, quando, em fim de 1827, chegaram da Irlanda os soldados que o coronel Cotter fora aliciar. Vieram todos andrajosos e trazendo consigo um séquito de prostitutas, o que produziu na cidade uma impressão muito desagradável. Em pouco tempo esses soldados mostraram o que valiam. Roubavam e assassinavam freqüentemente, espalhando o terror entre os habitantes do Rio. Vendo-se ludibriados nas promessas que o seu incorporador, coronel Cotter, lhes fizera e que o governo brasileiro não cumpria, aumentaram o número dos descontentes. A rebelião rebentou em 9 de junho de 1828. Às oito horas da manhã desse dia, foi um soldado irlandês condenado a 150 chibatadas por ter deixado de prestar continência a um oficial que se apresentara à paisana no quartel. Este soldado pertencia ao 2.º batalhão de granadeiros, aquartelado em São Cristóvão.

- Sr. Major, - disse o soldado, recusando-se a tirar a camisa para receber as chicotadas, - eu servi com dedicação o Imperador durante três anos e seis meses e nunca sofri castigo. Desejo que um Conselho de Guerra julgue o meu caso, e prefiro morrer fuzilado a ser chicoteado como escravo africano.

Em vez de atendê-lo, o Major ordenou que o agarrassem e o despissem, e o amarrassem a um poste, dizendo, depois disso:

- Em vez de 150 chicotadas, você vai tomar mais cento e cinqüenta, trezentas ao todo: 150 por não ter prestado continência e 150 por ter protestado contra o castigo.

O carrasco, impassível e inexorável, ia contando as chibatadas. Quando chegou em 230, o soldado caiu morto. Nessa ocasião estrondeou no quartel um urro de selvagem protesto. A tropa que estivera alinhada, dispersou, aos gritos de "Morra o tirano", "Morra o carrasco". Não houve soldado que não investisse de baioneta para o lado do ma-

jor. Este, que estava a cavalo, desabalou em louca disparada para
fora do quartel. Os soldados, enfurecidos, saíram em seu encalço, chegaram à sua casa, mas o comandante, disfarçado em operário, já tinha fugido pelos fundos. Irritados, os perseguidores quebraram tudo o que encontraram, deitaram fogo ao prédio, reduzindo aquilo a um monte de cinzas e de pedras.

Tela de Debret que retrata o segundo casamento de D. Pedro I

Surgiu, nessa ocasião, outro oficial, o Major Benedito Theola, tentando apaziguá-los. Esse Major tinha fama de roubar parte dos soldos da tropa. Mal acabou de falar, aos gritos de "Morra o ladrão", era ele estraçalhado a pontaços de baioneta".

E assim começou essa famosa revolta. Acalmados com um recado do Imperador, transmitido corajosamente pelo capelão da tropa, a soldadesca formou-se sob o comando de um sargento, arvorado em capitão, e foram todos a São Cristóvão. O Imperador recebeu a comissão de rebelados, ouviu todas as queixas e prometeu atendê-los. Voltaram os soldados aos quartéis e ensarilharam as armas. Todos os oficiais tinham fugido. Passados dois dias, os soldados já se impacientavam. Dirigiram-se ao centro da cidade, às onze da manhã do dia 11 de junho, uns quatorze homens do 2.º batalhão de granadeiros, com o fim de prender o comandante que dera motivo ao movimento. Conseguiram vê-lo, foram ao seu encalço, mas o homem, que era ágil, e já escapara uma vez, conseguiu fugir e esconder-se em um posto policial guarnecido de tropas brasileiras. O posto foi assaltado, mas o comandante conseguiu escapulir mais uma vez. Saquearam e queimaram a segunda residência do oficial. Cerca de oitenta irlandeses reuniram-se ao grupo de quatorze alemães. Voltaram novamente para o quartel, embriagados pela pinga que iam bebendo pelas vendas do caminho. Chegando ao quartel, arrombaram o paiol, e cada homem se muniu de cem cartuchos. Sedentos de sangue, conseguiram descobrir o esconderijo de alguns oficiais, que foram mortos a coronhadas. Invadiram as casas de família, mataram os seus donos, e carregaram ou destruíram os objetos que encontraram. Exterminaram até velhos, mulheres e crianças. Agarravam moças e meninas, que eram violentadas impiedosamente, e as que resistiam eram assassinadas".

A esse batalhão desenfreado, vieram reunir-se outros batalhões de estrangeiros, e a carnificina recomeçou com mais fúria. Em um posto policial do campo da Aclamação, assassinaram seis soldados brasileiros, e queimaram o prédio. No caminho do Aterrado, um soldado, depois de violentar uma menina de oito anos, espetou-a numa lança e levantou-a no ar, no meio dos risos e chacotas dos outros. Na rua dos ciganos, outro soldado saciou seus instintos bestais numa senhora casada, e, ao verificar que ela estava grávida, arrancou o sabre, dizendo-lhe ter curiosidade de reparar bem como se achava na barriga uma criança antes de nascer. E, abrindo-lhe o ventre, dali arrancou o feto, que mostrou rindo aos comparsas dessas loucuras. Na rua do Carmo, invadiram a casa de um sexagenário, e, ante o protesto do velho contra o estupro de suas duas filhas solteiras, mataram-no a coronhadas. O Rio de Janeiro tomou o aspecto de uma cidade morta. Todas as famílias se fecharam em casa, a sete chaves, e as que tiveram tempo refugiaram-se nos morros, abandonando seus haveres para só cuidar da vida. Igrejas, casas comerciais,

residências familiares, tudo fechado. Os revoltosos, bem armados e em número de cerca de 2.000, foram senhores da capital do Brasil durante três dias. No dia 12 de junho, com a notícia dos preparativos de guerra das tropas que ficaram fiéis ao governo, os batalhões revoltosos aquartelaram-se no Campo da Aclamação, esperando o ataque do exército brasileiro.

O imperador, em pessoa, dirigiu o combate contra os batalhões estrangeiros. No campo da Aclamação, entrincheirados, os alemães, ingleses, suíços e italianos, defendiam-se ferozmente contra os ataques dos brasileiros, constituídos por um grupo de artilharia a pé, dois batalhões de caçadores, dois esquadrões de cavalaria, 200 soldados de polícia e cerca de 1.000 paisanos armados, entre os quais 50 frades de diversas congregações e mais de 100 padres e estudantes.

A batalha foi encarniçada e quando acabou a munição dos revoltosos, estes resolveram arvorar a bandeira branca. Sem um único cartucho, famintos, exaustos pelo combate, os batalhões estrangeiros renderam-se.

Aclamação de D.Pedro I como Imperador

Nessa batalha, morreram, da parte do exército nacional, 97 soldados de infantaria e 23 de cavalaria e ficaram feridos entre paisanos e militares, 180 combatentes brasileiros. Os estrangeiros, metralhados pela artilharia e fuzilaria, tiveram 240 mortos e 300 feridos. Por aí se vê como foi encarniçada e sangrenta esta batalha, iniciada e terminada no Campo da Aclamação e adjacências.

O erudito tradutor de Teodoro Bôsche, de quem tiramos esta narrativa, exclama que no fim de tudo era preciso encontrar um Cristo para crucificar, e que esse Cristo foi o soldado alemão Augusto Steinhaussen, fuzilado em 16 de dezembro de 1828, em São Cristóvão, num lugar próximo ao Palácio do Imperador, na presença de toda a guarnição e de um destacamento de 50 soldados revoltosos, desarmados.

Teodoro Bôsche descreve assim esse fuzilamento:

"No dia em que se procedeu à execução, os arredores da enorme praça estavam cheios de curiosos.

O condenado marchou com passo firme e ao som de um tambor coberto de crepe, despedindo-se dos companheiros de armas e acenando-lhes com um lenço branco. Pediu, quando o destacamento se preparava para fuzilá-lo, que o deixassem comandar a voz de - Fogo!... Concedido esse favor, pronunciou com voz firme a palavra fatal e, ao pipocar dos tiros, caiu fulminado por dez balas. Foi enterrado no Cemitério dos Ingleses. Outros soldados, condenados às galés perpétuas, pediram para serem também fuzilados, e não o conseguindo, apedrejaram um general, aos gritos de "Morra o Imperador!".

Augusto Steinhaussen era tido como um rapaz direito. Fora acusado de ter maltratado um oficial austríaco, que chegou ao oficialato superior por meio de indignidades e calúnias. Na ocasião da revolta, tendo esse oficial caído nas mãos dos soldados que pretendiam vingar-se, Steinhaussen, depois de tê-lo livrado desse perigo, deu-lhe fuga dizendo-lhe:

"- Escuta, miserável. Perseguiste-me de todos os modos, ofendeste a minha honra. Se fosses um homem digno, convidar-te-ia para um duelo, e te mataria como se mata um cão. Mas és tão indigno, que não mereces a morte nas mãos de um homem de bem. Foge daqui, cachorro, antes que os outros te estraçalhem".

Terminada a revolta, esse capitão denunciou Steinhaussen, soldado de 16 anos, como cabeça da revolta, e arranjou dois alemães revoltosos com promessa de protegê-los, para jurarem que isso era verdade. Daí, a escolha do jovem e valente Stei-

nhaussen para bode expiatório da revolta.

Agora, a tragédia íntima dessa dolorosa página da História do Brasil. Anna Steinhaussen Schiich, esposa de Roque Schiich, bibliotecário da Imperatriz do Brasil, era filha de Marcelo Bladisky e Rosa Steinhaussen. Em 1814 esteve no Brasil com o pai, que viera a serviço secreto do príncipe de Metternich. D. Pedro, rapazola ainda, conheceu-a e com ela teve relações amorosas, embora ambos fossem muito jovens. Ingressando no serviço de Maria Luiza, no Palácio de Schoenbrunn, ali a foi buscar para esposa o bibliotecário de D. Leopoldina. O filho daquele primeiro amor foi criado ignorando a sua paternidade. Vindo ao Brasil com 14 anos, procurou a mãe, e, apresentado ao marido dela como filho de uma parenta, resolveram pô-lo no exército, aumentando-se-lhe a idade. Contava o bibliotecário com a proteção da Imperatriz, para as promoções do rapaz. E a mãe depositava suas esperanças no Imperador.

Verificada a revolta, o jovem Augusto Steinhaussen foi denunciado como instigador do movimento. Era quase uma criança. Valente, destemido, ardoroso, portou-se diante do "Tribunal Marcial" com a coragem de um verdadeiro herói.

O Imperador assistiu ao julgamento. Interrogado pelo general Álvares, respondeu:

- Entrei na revolta e gritei contra o sistema de se surrarem com rebenques soldados do exército brasileiro ao qual eu pertencia. O capitão Kaufmann perseguia-me porque tentara levar-me para o seu leito e, apesar de simples soldado, dei-lhe uma bofetada como resposta. Não reagiu logo, mas foi aos poucos perseguindo-me, e não fosse a proteção que me dispensava a Imperatriz, já teria eu levado as vergastadas usuais no batalhão. Feito prisioneiro pelos soldados que iam matá-lo, ajoelhou-se o capitão Kaufmann a meus pés e, em pranto, pediu-me por tudo que me era sagrado, que lhe salvasse a vida. Enojado de tamanha covardia, achei que esse homem não era digno de morrer nas mãos de valentes como éramos nós. Mandei-o embora, dei-lhe a fuga que me implorava tão covardemente. Os juizes deste Tribunal deram crédito a um capitão sem brio e sem dignidade. Muito bem, sou apenas um adolescente, mas já sou um soldado do exército brasileiro que se revoltou contra a barbaridade dos costumes militares. Querem uma vítima para exemplo? Aqui estou eu, o mais jovem dos revoltosos. Condenem-me, morrerei como um soldado brasileiro!

Essa linguagem escandalizou todos os presentes, menos o Imperador, cujos olhos se encheram de lágrimas. Ele já sabia que aquele menino era seu filho, sangue de seu sangue. O Ministério, composto de Miguel Calmon, Teixeira de Gouveia, Pedro de Araújo Lima e bento Barroso Pereira, fazia questão do fuzilamento daquele rapazola, que afrontava o governo com suas palavras, depois de ter pego em armas como revoltoso. Havia testemunha de que ele, apesar de criança, fora o chefe? Pois, para o castigo, ficasse como chefe.

O Conselho de Guerra ia decidir o veredictum. D. Pedro inclinou-se ao ouvido do Ministro da Guerra, presidente do Conselho e cochichou:

- Absolvam o rapaz.

O Ministro da Guerra empalideceu e baixou os olhos. D. Pedro retirou-se para o Palácio de São Cristóvão. O Conselho de Guerra, em vez de absolver, condenou o jovem Steinhaussen a ser fuzilado. Às três horas da tarde de 15 de dezembro, o Ministro da Guerra, acompanhado de quatro generais de terra e mar, e de outros Ministros de Estado, levou a sentença para D. Pedro assinar.

O Imperador inquiriu, aflito:
- Por que não o absolveram?

- Majestade, - disse o Ministro da Guerra, - ele se confessou chefe e com uma arrogância sem limites, desrespeitou o próprio Conselho de Guerra, insultando a um oficial do exército, na presença desse Conselho e de Vossa Majestade. É preciso puni-lo. O povo se revoltará no Brasil inteiro se se perdoar a esse rebelde. Lembre-se Vossa Majestade de que morreram numerosos soldados brasileiros, e dezenas de lares foram conspurcados. Lembre-se V. M. que a anarquia, o roubo, o estupro, o incêndio, campearam nos dias da revolta. Em seguida, Araújo Lima, o futuro regente do Império, insinuou:

- Majestade, é preciso pôr de lado as razões do coração para atender às razões de estado e à salvação pública. Vossa majestade é o juiz supremo do povo brasileiro e o povo brasileiro exige justiça, exige o castigo sumário e rápido do chefe dos rebeldes que espalharam o sangue e a desonra na capital do Império. Lembre-se V. M. que Brutus, cônsul romano, condenou o próprio filho à morte, por ter atentado contra a ordem pública, e que o Imperador Constantino condenou a esposa e o filho pelo mesmo motivo.

D. Pedro, sofria, atormentado. Pôs as mãos na cabeça. Seus ministros e os generais que representavam o exército brasileiro, cercaram o Imperador. Este ainda com os olhos cheios de lágrimas, sancionou a sentença de morte. No dia 16 de dezembro, ele procurou, às seis horas da manhã, o jovem Augusto Steinhaussen e disse-lhe:

- Somente anteontem fiquei sabendo que você é meu filho. Vim trazer-lhe a minha bênção. Como pai, eu lhe perdoei os crimes de perturbador da ordem e do sossego público e como Imperador eu o condenei à morte. As razões de estado são superiores às do coração. Sua mãe quer abraçá-lo. Augusto virou-se e viu entrar o vulto de uma mulher vestida de preto. Atirou-se ao seu encontro e ambos choraram. Pedro I, encostando-se na grade da prisão, soluçava. Depois, o Imperador e a mulher do bibliotecário da Imperatriz saíram juntos.

Augusto Steinhaussen levantou a cabeça e murmurou:

- Juro-lhe, meu pai, que saberei morrer como filho de rei.

Orgulhoso e destemido, cumpriu a palavra, comandando a voz de fogo do pelotão que o fuzilou.

No dia seguinte, apareceu no palácio o Ministro da Guerra, Bento Barroso Pereira. Tinha sido o presidente do Conselho de Guerra. D. Pedro olhou para cima da mesa onde se achava o seu habitual chicote de cabo de ouro. Tomou-o na mão direita, avançou para o Ministro da Guerra e meteu-lhe o chicote na cara, bramindo:

- Você sabia que Augusto Steinhaussen era meu filho e condenou-o à morte...
- senhor, cumpri o meu dever! - disse o Ministro da Guerra.

O Imperador reagiu:

- E eu agora estou cumprindo o meu dever de pai, depois de ter cumprido o de Imperador.

- Majestade...

- Suma daqui, canalha...

Nisto, afobado, entraram os outros ministros, Calmon, Teixeira e Araújo Lima.
Araújo Lima, o mais respeitável, protestou:

- Majestade, comporte-se como Imperador do Brasil.

D. Pedro investiu para ele, e com um sopapo atirou-o pela janela. E, aos berros, expulsou todos eles.

- Já para fora, já para fora, todos demitidos, cães sanguinários!

E caiu no solo, hirto e espumando, numa crise de epilepsia. No outro lado do palácio, no oratório da Imperatriz, a esposa do bibliotecário Roque, rezava, soluçante, pela alma do condenado, do seu querido e inesquecível Augusto.

Quantos filhos teve D. Pedro I?

Geovani Németh-Torres

Um dado que sempre despertou curiosidade foi saber quantos filhos o primeiro imperador do Brasil teve durante os 36 anos que viveu. Sabe-se que suas duas esposas tiveram dez filhos (a primeira nove, e a segunda uma), e destes apenas quatro viveram o suficiente para dar netos a D. Pedro I.

Dos filhos naturais, destacam-se os que o monarca teve com sua mais ilustre amante, a Marquesa de Santos (cinco no total, sendo que dois chegaram à velhice). A irmã da marquesa, a Baronesa de Sorocaba também deu a luz um filho de D. Pedro. Estes três foram citados no testamento do Imperador, mas não tiveram direitos sucessórios à Coroa.

Rainha de Portugal, Maria II

A lista continua com outros filhos que o Bragança chegou a conhecer, ou que eram publicamente lembrados como descendentes do monarca luso-brasileiro.

No final da listagem encontram-se crianças cuja paternidade de D. Pedro é questionada, mas que em dada época foram assim citados.

PEDRO I de Alcântara Francisco Antônio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascual Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon, Infante de Portugal. (Queluz, Portugal, 12/10/1798 – Queluz, Portugal, 24/09/1834). Príncipe da Beira (11/06/1801). Proclamado Imperador D. Pedro I do Brasil em 12/10/1822, abdicando em 07/04/1831; sucessor de D. João VI como Rei D. Pedro IV de Portugal em 10/03/1826, abdicando em 02/05/1826. 1.º Casamento: Viena, Áustria, 13/05/1817 (procuração), Rio de Janeiro, Brasil, 05/11/1817 (em pessoa), com **MARIA LEOPOLDINA** Josefa Carolina de Lorena-Habsburgo, Arquiduquesa da Áustria. (Viena, Áustria, 22/01/1797 - Rio de Janeiro, Brasil 11/12/1826); 2.º Casamento: Munique, Baviera, 02/08/1829 (procuração), Rio de Janeiro, Brasil (em pessoa), com AMÉLIA Augusta Eugênia Napoleona de Beauharnais, Princesa de Leuchtenberg (Milão, Itália, 31/07/1812 – Lisboa, Portugal, 26/01/1873).

I) Filhos Legítimos

Descendência de D. Pedro I com a Imperatriz Maria Leopoldina:

1 **MARIA II** da Glória Joana Carlota Leopoldina da Cruz Francisca Xavier de Paula Isidora Micaela Gabriela Rafaela Luisa Gonzaga, Princesa da Beira. (Rio de Janeiro, Brasil, 04/04/1819 – Lisboa, Portugal, 15/11/1853). Princesa Imperial do Brasil (07/09/1822). Sucessora de D. Pedro IV com Rainha Maria II de Portugal em 02/05/1826.

2 Um aborto espontâneo. (Cf.: Carta de Maria Leopoldina a sua tia, de 14/12/1819).

3 **MIGUEL,** Príncipe da Beira. (Rio de Janeiro, Brasil, 26/04/1820 – Rio de Janeiro, Brasil, 26/04/1820).

4 **JOÃO CARLOS** Pedro Leopoldo Borromeu, Príncipe da

Beira. (Rio de Janeiro, Brasil, 06/03/1821 – Rio de Janeiro, Brasil, 04/02/1822).

5 **JANUÁRIA** Maria Joana Carlota Leopoldina Cândida Francisca Xavier de Paula Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga, Infanta de Portugal. (Rio de Janeiro, Brasil, 11/03/1822 – Nice, França, 13/03/1901).

Princesa Januária

6 **PAULA** Mariana Joana Carlota, Princesa do Brasil. (Rio de Janeiro, Brasil, 17/02/1823 – Rio de Janeiro, Brasil, 16/01/1833).

7 **FRANCISCA** Carolina Joana Leopoldina Romana Xavier de Paula Micaela Rafaela Gabriela Gonzaga, Princesa do Brasil. (Rio de Janeiro, Brasil, 02/08/1824 – Paris, França 27/03/1898).

D.Pedro II, criança

8 **PEDRO II** de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Rafael Gabriel Gonzaga, Príncipe Imperial do Brasil. (Rio de Janeiro, Brasil, 02/12/1825 – Paris, França, 05/12/1891). Sucessor de D. Pedro I como Imperador D. Pedro II do Brasil em 07/04/1831.

9 *Um aborto espontâneo, que resultou na morte da Imperatriz Maria Leopoldina.*

Descendência de D. Pedro I com a Imperatriz Amélia de Beauharnais:

10 **MARIA AMÉLIA** Augusta Eugênia Josefina Luísa Teodolinda Heloísa Francisca Xavier de Paula Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga, Princesa do Brasil. (Paris, França, 01/12/1831 – Funchal, Ilha da Madeira, 04/02/1853).

II) Filhos naturais registrados no testamento, mas sem direitos sucessórios à Coroa

D.Isabel Maria

Descendência de D. Pedro I com Domitília de Castro e Canto Melo, Marquesa de Santos:

11 Um menino. (?, 1823 - ?, 1823)

12 **ISABEL MARIA** de Alcântara Brasileira, Duquesa de Goiás. (Rio de Janeiro, Brasil, 23/05/1824 – Murnau, Baviera, 03/11/1898). [Herdeira Testamentária].

13 **PEDRO DE ALCÂNTARA** Brasileiro. (Rio de Janeiro, Brasil, 04/12/1825 - Rio de Janeiro, Brasil, 13/03/1826).

14 **MARIA ISABEL** de Alcântara Brasileira, Duquesa do Ceará. (Rio de Janeiro, Brasil, 13/08/1827 – Rio de Janeiro, Brasil, 25/10/1827).

15 **MARIA ISABEL II** de Alcântara Brasileira. (São Paulo, Brasil, 28/02/1830 – Rio de Janeiro, Brasil, 13/09/1896). Condessa consorte de Iguaçu. [Herdeira Testamentária].

Maria Isabel II

Filho de D. Pedro I com Maria Benedita de Castro e Canto Melo, Baronesa de Sorocaba:

16 **RODRIGO** Delfim Pereira. (Rio de Janeiro, 06/11/1823 – Lisboa, Portugal, 31/01/1891). [Herdeiro Testamentário].

III) Outros filhos naturais

Descendência de D. Pedro I com Anna Steinhaussen:

17 **AUGUSTO** Steinhaussen. (?, 1814 – Rio de Janeiro, 16/12/1828).

Descendência de D. Pedro I com Noémi Thierry:

Rodrigo Delfim

18 **PEDRO**. (Recife, Brasil, 02/1818 – Recife, Brasil, 02/1818).

Descendência de D. Pedro I com Gertrudes Meirelles de Vasconcellos:

19 **THEOTÔNIO** Meirelles da Silva. (Ouro Preto, Brasil, 11/1822 - ?, depois de 1873).

Descendência de D. Pedro I com Letícia Lacy:

20 **LUIZ PABLO** Roquellas. (Rio de Janeiro, Brasil, 25/04/1823 - Bolívia, 1883).

Filho de D. Pedro I com Joana Mosqueira:

21 **JOSÉ** de Bragança. (?, década de 1820; viveu 2 anos).

Filho de D. Pedro I com Clémence Saisset:

22 **PEDRO DE ALCÂNTARA** Brasileiro. (Paris, França, 23/08/1829 - ?).

Filha de D. Pedro I com Andreza dos Santos:

23 Uma menina. (?, 1831? - ?).

Filho de D. Pedro I com Ana Augusta Peregrino Faleeiro Toste:

Pedro de Alcântara

24 **PEDRO.** (?, 1833 - ?, 1839).

Filho de D. Pedro I com Maria Libânia Lobo:

25 **PEDRO DE ALCÂNTARA**. (Lisboa, Portugal, 31/12/1833 – Lisboa, Portugal, 14/01/1908).

IV) Outros filhos naturais cuja paternidade é duvidosa

Descendência de D. Pedro I com Adozinda Carneiro Leão:

26 Um menino. (?, 1821 - ?, depois de 1830). [Paternidade não confirmada].

Descendência de D. Pedro I com Luizinha de Menezes:

27 **MARIANA AMÉLIA** de Albuquerque. (Rio de Janeiro, Brasil, 1822 - ?, depois de 1871). [Paternidade não confirmada].

Filha de D. Pedro I com Maria del Carmen García:

28 Uma menina. (?, 02/08/1828 - ?, 02/08/1828). [Paternidade não confirmada].

Filha de D. Pedro I com Florisbela Umbelina Rodrigues Horta:

29 Uma menina. (?). [Paternidade não confirmada].

V) Crianças que foram surgeridas como filhos de D. Pedro, mas que provavelmente não eram

Filho de D. Pedro I (?):

30 **UMBELINO** Alberto de Campo Limpo. (Rio de Janeiro, Brasil, 1824 – Rio de Janeiro, Brasil, 1885). [Paternidade não confirmada; provavelmente não é filho de D. Pedro I].

Filho de D. Pedro I com Josefina Roth:

31 **GUILHERME** Schüch, Barão de Capanema. (Ouro Preto, Brasil, 17/01/1824 – Rio de Janeiro, Brasil, 28/07/1908). [Paternidade não confirmada; muito provavelmente não é filho de D. Pedro I].

Filha de D. Pedro I com uma marquesa de Portugal:

32 **URBANA.** (?). [Paternidade não confirmada; provavelmente não é filha de D. Pedro I].

Filha de D. Pedro I:

33 **ISABEL** de Bourbon e Bragança. (Rio de Janeiro, Brasil, ? - ?). [Paternidade não confirmada; provavelmente não é filha de D. Pedro I].

Filha de D. Pedro I:

34 **ISABEL** de Bourbon e Bragança. (?). [Homônima da anterior. Paternidade não confirmada; provavelmente não é filha de D. Pedro I. Morava na França e era viúva de certo Lafarge].

Imperatriz Amélia

Marquesa de Santos, Idosa

GEÓRGIA: CASAMENTO DE PRÍNCIPE E PRINCESA SELA UNIÃO DA FAMÍLIA REAL

Agência AFP

GEÓRGIA - O casamento neste domingo de um príncipe e de uma princesa georgianos selaram a união de duas ramificações da família real que disputam o trono vago desde a anexação da Geórgia pela Rússia, no início do século XIX.

Ante 3.000 convidados, entre eles o presidente georgiano Mikheïl Saakachvili, o príncipe David Bagrationi-Moukhraneli e a princesa Anna Bagrationi-Grouzinski disseram "sim" um ao outro na catedral de Tbilissi - uma palavra que revela a esperança dos partidários da monarquia de verem, um dia, um rei dirigindo o país.

O casamento de David, 32 anos, nascido na Espanha, e Anna, 31 anos, foi marcado pela discrição, o que contribui para atiçar ainda mais a curiosidade dos georgianos.

O canal de televisão Roustavi-2 divulgou trechos da cerimônia na catedral, mostrando Anna em seu longo vestido branco, ao lado de David, vestido num terno tradicional georgiano.

Atrás de centenas de convidados presentes tremulavam bandeiras georgianas, enquanto curisos se acotovelavam do lado de fora da igreja.

– Espero que este seja o dia mais feliz da minha vida – declarou a princesa, antes do casamento. O pai dela, Nougzar Bagrationi-Grouzinski, um diretor de teatro famoso em Tbilissi, destacou que "o mais importante é que este dia seja benéfico para o futuro da Geórgia'.

Alguns analistas políticos consideram que uma grande parte da população é crítica em relação ao sistema republicano adotado com a independência do país da União Soviética, em 1991; na opinião deles, o presidente tem muito poder nas próprias mãos.

– Numerosos georgianos estão decepcionados com a república presidencialista. Assim, a idéia de uma monarquia constitucional aparece, de repente, ganhando um apoio significativo na sociedade – comentou o analista Tornike Charachenidzé.

O patriarca da Igreja ortodoxa georgiana, Ilia II, é favorável ao restabelecimento da monarquia, apoiada por 40% de telespectadores, durante uma pesquisa por telefone realizada durante um programa de televisão.

A dinastia Bagrationi, que diz descender do rei bíblico Davi, dirigiu a Geórgia do século IX até o final do XIX, quando a Rússia imperial anexou o país de George XII.

A família real georgiana espalhou-se na Europa com a revolução bolchevique e a integração em 1921 da Geórgia, após um breve período de independência, até o advento, no ano seguinte, da União Soviética.

A partir daí, várias ramificações da famíla reivindicam o trono, mas os Moukhraneli e Grouzinski são considerados favoritos. O príncipe David nasceu na Espanha e não fala o idioma georgiano, mas vive em Tbilisi desde 2003 e possui dupla nacionalidade.

Fonte: **http://jbonline.terra.com.br/nextra/2009/02/08/e08029899.asp**

DAVIT' BAGRATIONI: "EU GOSTARIA QUE MEU FILHO FOSSE GEORGIANO DE CORAÇÃO E DE ALMA".

Em 08 de Fevereiro de 2009, o casamento régio de Sua Alteza Real Davit' Bagration-Mukhraneli Batonishvili e de Sua Alteza Real Anna Bagration-Gruzinsky Batonishvili será celebrado na Catedral da Santíssima Trindade, em Tbilissi, por Sua Santidade, o Patriarca Ilia II da Igreja Ortodoxa Georgiana. O Presidente da Geórgia comparecerá à cerimônia.

O casamento será iniciado às 16h. Após, um coquetel e um jantar de gala ocorrerão em um edifício perto da Catedral.

Um acordo resultante do casamento de Suas Altezas Reais encerra qualquer possibilidade de disputa dinástica na Geórgia, já que a noiva é uma princesa da família Bagration-Gruzinsky, um ramo da família real que anteriormente pleiteou um direito hipotético a ser a casa real da Geórgia, e o casamento reúne os dois ramos da família.

Essa é uma versão mais curta de uma rara entrevista dada por Davit' Bagration-Mukhraneli Batonishvili que foi publicada no Georgian Times há muitos anos atrás quando o príncipe visitou a edição do jornal.

GT: Por que Vossa Alteza Real veio para a Geórgia?

DB: Desde a minha infância, sempre me contaram sobre a Geórgia. Umas cinco famílias georgianas viviam em Madrid, nos encontrávamos freqüentemente. Nós tínhamos espadas e elmos georgianos em casa, eu sou ortodoxo, eu não tinha o direito de não vir. Quando eu cresci e a Geórgia reconquistou sua independência, tornou-se possível retornar. Quando percebi que poderia viver aqui, eu deixei a Espanha imediatamente.

GT: Vossa Alteza Real estava, provavelmente, muito ansioso?

DB: Sim, eu não consegui dormir por uma semana. Primeiro fomos para Mtskheta, quando o carro fez a curva na montanha e eu vi Svetitskhoveli, eu não conseguia acreditar, era o momento mais feliz da minha vida. Na Espanha, nós temos modelos de bronze das igrejas georgianas de Alaverdi, Svetitskhoveli, Mctckhi, nós temos fotografias, mas eu nunca tinha visto uma igreja georgiana de verdade. Foi algo muito especial.

GT: Quando o senhor foi batizado?

DB: Quando eu tinha um ou dois meses de idade. A prima de meu pai, Elene Kirby-Bagration, tinha uma igreja em sua casa em Madrid, e é lá que nós, crianças, éramos batizados. Todos os casamentos da nossa família foram celebrados na Igreja Ortodoxa, meu pai e minha mãe casaram na Igreja Ortodoxa. Como não havia uma em Madrid, eles foram para a França para que pudessem casar na igreja...

GT: É verdade que Irakli Bagration abriu a primeira Igreja Ortodoxa na Espanha?

DB: Sim, foi aberta por meu avô, Irakli Bagration, pelo Rei Simeão da Bulgária e por Vladimir Romanov, então herdeiro da coroa russa. Havia um padre georgiano lá, mas infelizmente ele faleceu. Eu fui batizado por Padre Dimitri, um grego.

GT: Qual era a ocupação de Vossa Alteza Real na Espanha?

DB: Meu pai era piloto de carros de corrida, ele foi campeão da Espanha treze vezes em várias categorias e uma vez campeão europeu. Eu queria seguir seus passos. Eu tinha 18 anos e duas semanas

quando participei primeiro de uma corrida, o corredor mais jovem lá. Eu participei de várias corridas, mas então eu sofri um acidente. Meu irmão Irakli é um IT specialist e trabalha com esqui nos Alpes. Meu irmão mais novo Guram (Ugo) é um estudante universitário e trabalha. Minha irmã é casada com um catalão, Jaime Gaisha, eles têm um filho chamado Jaime.

GT: O que os georgianos dizem quando descobrem que Vossa Alteza Real é um Bagration?

DB: Os georgianos apreciam história, são todos muitos respeitosos.

GT: Apesar de as condições serem ruins aqui, o senhor ficará de qualquer forma?

DB: Eu penso que sou um Bagration, um georgiano e que este é o lugar onde devo viver. A vida é cheia de conforto na Espanha, mas minha terra natal é a Geórgia.

GT: Giorgi, o neto da irmã de Irakli Bagration, Leonida Bagration, é o herdeiro do trono russo. Como é o seu relacionamento com ele?

DB: Nós somos amigos desde a infância, ele visitou a Geórgia quando era uma criança. Ele é um pouco mais jovem do que eu.

GT: Eles sabem sobre os Bagration na Espanha?

DB: Não muitos da nova geração sabem. Os mais velhos sabem mais sobre nossas origens, especialmente devido à fama de meu pai.

GT: Giorgi Bagration tinha boas relações com o Rei Juan Carlos da Espanha?

DB: Eles cresceram juntos, os dois nasceram em Roma. Juan Carlos ama muito carros, ele participava de corridas. Ele ama motocicletas. Seu genro foi meu avô, Irakli Bagration.

GT: Eu acredito que o Rei da Espanha e Irakli Bagration fossem bastante próximos e que o rei da Espanha o chamava de tio?

DB: Sim, está correto. O herdeiro do trono espanhol, Felipe, costumava chamar meu pai de tio.

GT: É verdade que o Rei Juan Carlos é muito popular na Espanha?

DB: Certamente. Ele desempenhou um papel proeminente na história moderna da Espanha, principalmente na democratização do país. Ele já é rei há 30 anos e a economia cresceu significativamente. Inicialmente as pessoas tinham dúvidas sobre a restauração da monarquia, mas Juan Carlos ganhou o amor de seu povo. Eles também amam muito seu filho, Felipe, que se casou com uma simples jornalista e eles têm uma menininha. Felipe tem muitos amigos, não importando se eles são camponeses, trabalhadores ou qualquer coisa. As irmãs de Felipe também são muito amadas, elas e toda a família real são muito progressistas. Essa é uma família muito democrática.

GT: Vossa Alteza Real se lembra quando a primeira antena de satélite foi instalada aqui e o Presidente Gamsakhurdia fez a primeira ligação para Giorgi Bagration?

DB: Foi muito cedo de manhã, havia uma diferença de fuso horário, então nós acordamos...foi uma grande surpresa, nós ficamos muito felizes.

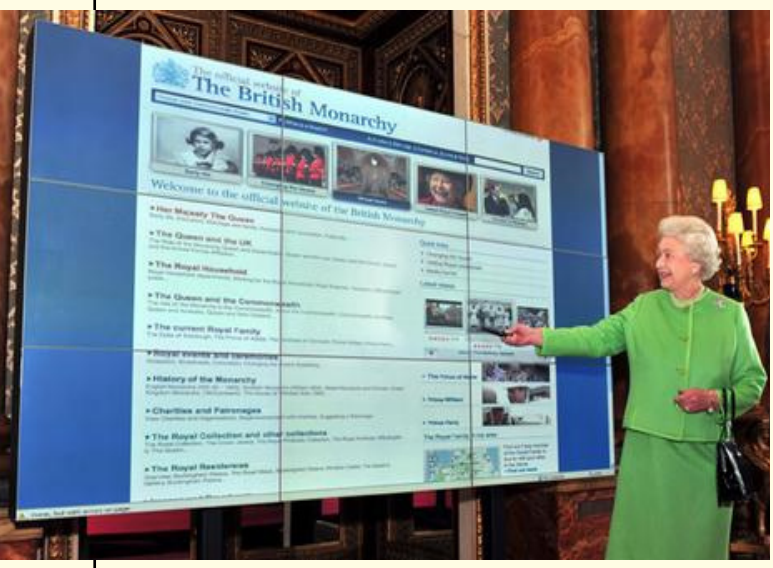
GT: O senhor ainda não é casado. Provavelmente vai se casar com uma georgiana?

DB: Infelizmente, eu não nasci na Geórgia. Eu nasci em Madrid, meu pai nasceu em Roma, mas eu quero que meu filho nasça na Geórgia. Eu quero me casar com uma georgiana. Eu quero que meu filho aprenda a língua georgiana primeiro, para que seja criado nas tradições georgianas e que seja um georgiano de verdade.

Gaioz Mamaladze
19/01/2009 – 14h43

Fonte: **The Georgian Times**
Tradução: **Felipe Ribeiro Dias**

ELIZABETH II RELANÇA SITE; BLOG E E-MAIL CONTINUAM DE FORA DA PÁGINA



Londres, 12 fev (EFE).- A rainha Elizabeth II apresentou hoje a versão atualizada de seu site, lançado originalmente em 1997 mas que, apesar da reformulação no design e no conteúdo, não foi modernizado a ponto de incluir um blog ou um campo para o envio de e-mails.

A soberana apresentou a nova página numa recepção no Palácio de Buckingham, da qual participou o cientista britânico **Tim Berners-Lee**, considerado o pai da World Wide Web.

O site da rainha (***www.royal.gov.uk***) agora traz mais vídeos e documentos históricos, como um diário da rainha Vitória no qual ela descreve a experiência de utilizar pela primeira vez um telefone.

Porém, a página não inclui nenhum canal para contatos com Elizabeth II.

Segundo dados oficiais, a cada semana cerca de **250 mil pessoas** visitam o site, que bateu recorde de visitas - **35 milhões** - quando a princesa Diana morreu, em agosto de 1997.

Durante a recepção pelo relançamento da página, Berners-Lee disse que o site real *"celebra uma parte muito importante da tradição cultural britânica, a monarquia"*, e é uma grande fonte de conhecimento tanto para os britânicos como para outros cidadãos do mundo.

Além de ter um site, a rainha Elizabeth II também marca presença na internet com um canal próprio no **YouTube**, lançado em 2007 e no qual ela posta seus discursos natalinos e vídeos históricos sobre a família real britânica. EFE

Fonte: Abril.com

PRÍNCIPE CHARLES VEM AO BRASIL EM MARÇO

Brasília, 13 fev (EFE).- O príncipe Charles da Inglaterra, herdeiro da Coroa britânica, e sua mulher Camilla Parker-Bowles, duquesa da Cornualha, visitarão o Brasil de 11 a 15 de março, informou hoje a Embaixada do Reino Unido.

Segundo um comunicado da embaixada, "a visita terá como foco a questão da mudança climática e a proteção do meio ambiente", que são "algumas das principais prioridades do Governo do Reino Unido".

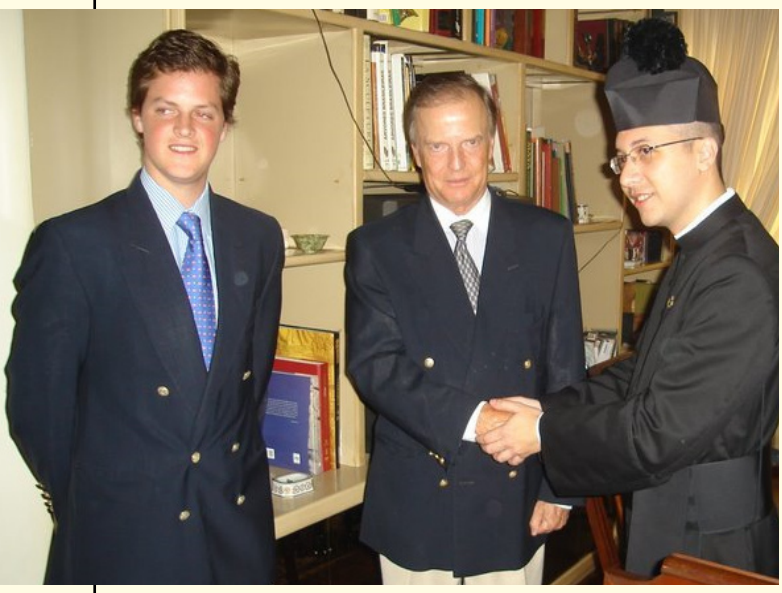
O príncipe Charles se reunirá com autoridades do Governo e com empresários brasileiros e britânicos que operam no Brasil, a fim de conhecer "a experiência da comunidade de negócios no combate à mudança climática", acrescenta a nota.

Durante sua estadia no Brasil, Charles e Camilla visitarão Brasília, Rio de Janeiro, Manaus e Santarém, estas duas últimas pelo fato de ficarem na Amazônia.

Além do Brasil, eles também visitarão o Chile e o Equador, indicou o comunicado da embaixada.

Fonte: G1

RESTAURADORES SE REÚNEM NO RIO DE JANEIRO



No sábado dia **07/02/2009**, os **Restauradores** do Rio de Janeiro reuniram-se em caráter extraordinário para homenagear e empossar o Revdo. Padre André Feitosa e a Sra. Josefina Zeloanda Ribas como Conselheiros do RESRJ e para promover o Dr. Ohannes Kabderian, atual Chanceler do Círculo Monárquico do Rio de Janeiro, de Conselheiro a Decano da escola de Conselheiros do RESRJ.

O Evento contou ainda com a presença de **SS. AA. II. RR. Dom Antônio de Orléans e Bragança e seu filho Dom Rafael de Orléans e Bragança,** do Ex-Chanceler do CMRJ, o professor Otto de Alencar Sá Pereira, da representante do governador do Rotary, Suely Manhães Barreto acompanhada de sua filha, de Michelly Antunes Ribeiro, estudante de jornalismo da cidade de Guaratinguetá, SP e de dois colegas restauradores da cidade de São Lourenço, MG.

Oficialmente começou-se às 17 horas com algumas palavras trocadas entre os presentes e o príncipe Dom Antônio. Pouco antes das 18 horas o Diretor-Geral dos Restauradores, Guilherme Malluta, pediu a atenção de todos para o início das condecorações.

Seguiu-se então o protocolo com algumas palavras do Secretário-Geral Alexandre Gonçalves sobre os Restauradores e os cargos de conselheiros da instituição. Foram premiados o Revdo. Padre André e posteriormente a Sra. Zeloanda Ribas, que discursaram sobre o acontecido.

Para a surpresa dos presentes o Dr. Ohannes Kabderian foi elevado ao cargo de Decano da escola de Conselheiros, surpresa inclusive para ele mesmo, que emocionou-se e não conseguiu terminar seu discurso.
Finalizou-se o evento com algumas palavras de alguns restauradores, da Sra. Suely Manhães pelo Rotary, do príncipe Dom Rafael e por fim do príncipe Dom Antônio.

Guilherme Malluta Vervloet
Diretor-Geral dos Restauradores do Rio de Janeiro

DEPUTADO FEDERAL COLATTO RECEBE PRÍNCIPE DOM BERTRAND DE ORLEANS E BRAGANÇA

O **deputado federal Valdir Colatto** (PMDB/SC) recebeu a visita do príncipe **Dom Bertrand de Orleans e Bragança,** trineto de dom Pedro II e bisneto da Princesa Isabel. O encontro aconteceu nesta semana, no gabinete do parlamentar, em Brasília. Em sintonia com a defesa do movimento Paz no Campo, coordenado pelo príncipe Bertrand, Colatto tem defendido fervorosamente o direito à propriedade privada, com preocupação de como estão sendo ocupadas às terras no Brasil. Para o movimento que está fundamentando no trinômio democracia-liberdade-nacionalismo, Colatto apresentou temas que despertaram interesse direto do príncipe, a exemplo da importante criação de um **Código Ambiental Nacional** que respeite as particularidades de cada Estado brasileiro e que harmonize a preservação com a produção rural, bem como a questão dos quilombolas e indígenas.

EVENTO CASTELO BELŒIL, DA FAMÍLIA E LIGNE

Evento contou com presença do presidente da comissão européia **José Manuel Barroso (ex-primeiro ministro de Portugal)** , os príncipes de Ligne e sua filha Alix, Duques de Bragança, **Príncipe Dom Pedro Luiz de Orléans e Bragança**, príncipe Nikolaus de Liechtenstein, princesa Henri d'Arenberg e vários outros nobres.

Príncipes de Ligne junto com presidente da comissão

Príncipe Dom Pedro Luiz junto com o príncipe Nikolaus de Liechtenstein

Duques de Bragança

UM BRASILEIRO, COM "B" MAIÚSCULO

*Felipe Leite Acciaris Ribeiro Dias**

Descrito por Monteiro Lobato como sósia moral de um sábio imperador romano, Marco Aurélio, assim era o nosso D. Pedro II, nascido em 1825. Um dos maiores homens da história brasileira, ocupou o cargo de chefe de Estado durante quase 50 anos de paz, prosperidade e avanços importantes.

O menino que viria a ser imperador tornou-se órfão muito cedo, com a morte de sua mãe, a Imperatriz Leopoldina, quando mal contava um ano de idade. Aos seis anos, seu pai, D. Pedro I, foi deposto, falecendo em Portugal poucos anos depois. Sua infância foi bastante solitária, só lhe restando a companhia de suas irmãs, dos filhos dos empregados e dos meninos escravos do paço, isso nas horas em que podia brincar, pois, como futuro imperador, o governo da regência lhe impunha uma intensa rotina de estudos.

Ao assumir o trono em 1840, com apenas 15 anos de idade, libertou todos os escravos do palácio e outros mais que herdara do pai, passando a pagar-lhes salários e custear a educação de seus filhos.

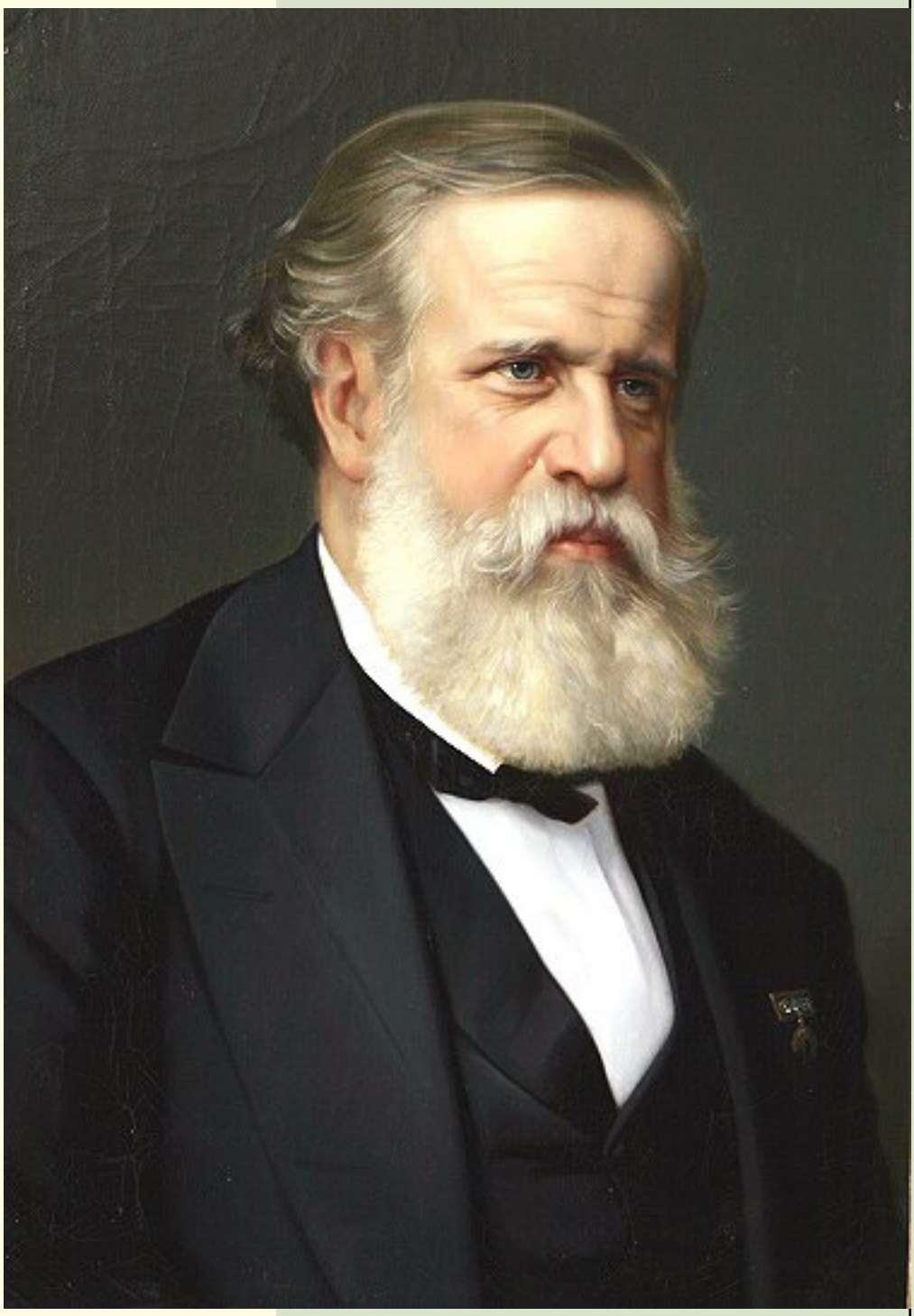
D. Pedro II foi ensinado a amar o Brasil acima de tudo. Punia exemplarmente os políticos e funcionários corruptos, usando dos poderes que a Constituição lhe garantia para removê-los de seus cargos. Venceu importantes disputas diplomáticas, inclusive chegando a desafiar a toda poderosa Grã-Bretanha. Zeloso que era com as verbas públicas, recusou sucessivas propostas de aumento de seu salário, trabalhando durante meio século com o mesmo pagamento, ainda que, durante seu reinado, a economia brasileira tenha crescido dez vezes. Quanto às suas poucas viagens, custeava-as com seu próprio dinheiro. Durante uma de suas viagens, sua filha, a Princesa Isabel, conseguiu a abolição da escravidão em 13 de Maio de 1888, passando à história como redentora dos cativos.

A causa da abolição era outra luta do monarca brasileiro. O Paraguai invadiu o Brasil em 1865, iniciando a Guerra da Tríplice Aliança, vencida a guerra pelo Brasil em 1870, o imperador determinou que seu genro, o Conde d'Eu, requisitasse ao governo do Paraguai que abolisse a escravatura, pedido que foi atendido. Não pode existir prova mais evidente de que D. Pedro II não tolerava a escravidão.

As preocupações imperiais, porém, não se resumiam à solução de problemas característicos do Brasil do Século XIX. Sua visão era muito mais avançada, estendendo-se a preocupações que ainda hoje afligem os brasileiros. Valorizava, acima de tudo, a importância da educação para o progresso do Brasil. O Imperador escreveu: "Se eu não fosse imperador, desejaria ser professor. Não conheço missão maior e mais nobre que a de dirigir as inteligências jovens e preparar os homens do futuro". Infelizmente, tal lucidez raramente foi demonstrada por nossos estadistas nos últimos 119 anos da república...

O patriotismo do imperador era tamanho que, em suas anotações, escrevia sempre "imperador" e

"Brasileiro", sempre com ênfase à sua qualidade de cidadão do Brasil e não na sua posição como monarca.



Magoado com o modo como fora expulso do país que tanto amara pelos golpistas em 15 de novembro de 1889, o Imperador, ardoroso patriota e amante de todas as coisas do Brasil, faleceu em um simples e discreto hotel parisiense em 5 de dezembro de 1891. Consta que seu único pedido ao deixar o país foi levar um travesseiro cheio da terra brasileira, para repousar sua cabeça na hora da morte. Não aceitou a indenização de cinco mil contos de réis, equivalente a 4.500kg de ouro, que lhe foi oferecida pelos insurgentes. "Não sei com que autoridade esses senhores dispõem dos dinheiros públicos" – disse o monarca, segundo informações colhidas junto à Associação Causa Imperial.

Tal era seu prestígio internacional que o governo francês deu-lhe honras de chefe de Estado e membros da realeza européia e do corpo diplomático das mais diversas nações compareceram ao cortejo fúnebre. Somente o embaixador do Brasil, por despeito do governo republicano diante de tantas homenagens ao monarca, não compareceu. Não é de hoje que nossas autoridades ignoram e desprezam as grandes figuras de nossa História.

---

* Secretário Institucional da Associação Causa Imperial.

Associação Causa Imperial

Brasil. No seu coração bate um Império

FILIE-SE na ACI

www.causaimperial.org.br